

invariavelmente feita de bondade e silêncio, abnegação e esquecimento do mal, é donativo essencialmente da alma, bênção da fonte divina do amor, que jorra nas nascentes do sacrifício, seja formada no suor da humildade ou no pranto oculto do coração.

(*Livro da esperança*. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 25)

Mt
5:7

Bem-aventurados os misericordiosos

34

(*Instrumentos do tempo*. Ed. GEEM. Cap. "Bem-aventurados os misericordiosos")²⁴

Compaixão e nós²⁵

35

Comumente, referimo-nos à compaixão em termos que se reportem à semelhante bênção de nós para com os outros; entretanto, a fim de que o orgulho não se nos infiltre no coração sob o nome de virtude, vale recordar a compaixão que tantas vezes procede dos outros em socorro a nós.

De quando em quando, pelo menos, rememoremos as demonstrações de paciência e bondade dos irmãos que nos suportaram, sem queixa, a teimosia e a inconsequência nos dias de imaturidade ou irritação; o apoio das criaturas que prosseguiram trabalhando em nosso favor, cientes de que as combatíamos sem apreender-lhes os elevados intuitos; o amparo de benfeitores que continuaram a servir-nos, ainda mesmo depois de se certificarem quanto aos gestos de frieza ou ingratidão com que lhes ferimos o espírito; a tolerância dos companheiros que, mesmo em nos sabendo desequilibrados nos dias de erro, não nos sonegaram a bênção da amizade e da confiança, aguardando-nos os reajustes espirituais; e o auxílio dos irmãos que nos perdoaram ofensas e agravos, ajudando-nos, sem pausa, além das dificuldades e empecos com que lhes espancamos o carinho e a abnegação para conosco.

²⁴ Vide nota 9, p. 27.

²⁵ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Tocando o barco*. Ed. IDEAL. Cap. "Compaixão e nós", com pequenas alterações.

Reflitamos na imensidão da piedade que nos sustenta a vida até agora e observaremos que, sem isso, provavelmente a maioria de nós outros teria mergulhado indefinidamente nas correntes da prova criadas por nós mesmos, com a nossa própria negligência.

Meditemos nisso e saibamos exercer a compaixão para com todos, particularmente com aqueles que nos firam, e reconheceremos que unicamente assim conseguiremos resgatar os nossos débitos de amor para com o próximo, a perceber, por fim, que todos nós, para viver, conviver e sobreviver, precisamos, em qualquer parte e em qualquer circunstância, da bondade e da compaixão de Deus.

(*Reformador*, jan. 1973, p. 20)

36

No serviço da luz

Não olvides que todos os perseguidores da luz são habitualmente enfermos de espírito acomodados ao mal.

Muitos trazem no peito o vulcão do ódio, exalando os fluidos comburentes do fogo devorador que lhes consome a vida, a se enovelarem, pouco a pouco, nas teias da loucura, quando o crime não lhes colhe a existência; outros, transportam no coração a carga da cobiça ou da inveja a verminar-lhes o seio e ainda outros se abismam nos labirintos da ambição desregrada, abrindo para si mesmos a cova de dor, a que descerão para a bênção expiatória...

Outros muitos sofrem, no imo d'alma, a infestação do vício que os transforma em presa fácil dos empreiteiros da sombra e quase todos padecem na própria mente o assalto da ignorância em que se fazem, desavisados, instrumentos soezes da miséria e da insânia em verdadeiro flagelo público.

Renteando com eles — pobres irmãos nossos que elegeram para si próprios a condição penosa de detratores — trata-os por doentes necessitados de socorro e medicamento.